Exposição

LEMBRAR-SE DO FUTURO

Evandro Machado

Espaço Multiuso Univali
Agosto 2019

@galeriadearteunivali

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ
UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ

Valdir Cechinel Filho
Presidente da Fundação UNIVALI/Reitor da UNIVALI

José Roberto Provesi
Vice-Presidente da Fundação UNIVALI/Chefe de Gabinete de Gestão Integrada

Cleunice Aparecida Trai
Tesoureira/Diretora Administrativa da Fundação UNIVALI

Rodrigo de Carvalho
Procurador Geral da Fundação UNIVALI

Luciana Merlin Bervian
Secretária Executiva da Fundação UNIVALI

Carlos Alberto Tomelin
Vice-Reitor de Graduação e Desenvolvimento Institucional da UNIVALI

Rogério Corrêa
Vice-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Inovação da UNIVALI

José Carlos Machado
Vice-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários da UNIVALI

Telmo José Mezadri
Diretor de Assuntos Institucionais da UNIVALI

Paulo Márcio da Cruz
Diretor de Internacionalização da UNIVALI

Evandro Machado

Nascido em Blumenau (SC) no ano de 1973, Evandro vive e trabalha no Rio de Janeiro. Foi ilustrador e desenhista de HQ em Santa Catarina. Na capital carioca, frequentou a Escola de Artes Visuais do Parque Lage. Em 2006, realizou a primeira viagem no Programa Dynamic Enconters. Dois anos depois, participou das exposições "Parque Lage", na Galeria Ana Maria Niemayer (RJ), com curadoria de Chico Cunha; “Coletiva NAU”, do Instituto de Arquitetura do Brasil (RJ), com curadoria de Franz Manata e; “Abre-Alas 5”, na Galeria A Gentil Carioca (RJ). Em 2009, fez parte da mostra “Paisagens Improváveis” do Ateliê Subterrânea (RS) e da Campanha da TV Futura para a Organização Mundial de Saúde, com curadoria de Fernando Cochiarale. No ano seguinte, esteve nas exposições “Kxa Preta”, no Espaço Apis (RJ) e “Abotoados pela Manga”, da Ilustre Loja de Móveis, em São Paulo (Curadoria de Franz Manata), além de integrar apresentação de videoarte brasileira com o filme “Paisagens Vermelhas” (Londres). Nesse mesmo período recebeu bolsa de estudos do Programa Aprofundamento (Parque Lage), tendo seus trabalhos acompanhados por Luiz Ernesto, Lívia Flores e Glória Ferreira.

Texto: Evandro Machado

"LEMBRAR-SE DO FUTURO"

Estar diante de um desenho é como estar diante de uma boca sem língua, nada é dito. Mas acreditando na lógica do desenho de Henri Matisse, uma linha depende da companhia de outra para tornar-se desenho. Tenho em mente a imagem de Matisse com as duas mãos sobre uma folha na qual desenha duas mãos no hábito de desenhar – ou escrever – a palavra "Remember" (1938). É compreendendo nesta metáfora do encontro da mão ao hábito da mão que surge a aporia do olhar diante de um desenho; se ele nada, fala, é o espectador diante dele que produz seu discurso. É como um ato premonitório, onde o que se há a prever ainda está em curso de designar-se: lembrar-se de quê? – pergunto eu a Matisse quando observo seu desenho. Trata-se de uma lembrança que nunca de fato ocorreu, está a ocorrer conforme o futuro se aproxima no seu hábito de feitura constante. A lembrança de Matisse trata-se de um gesto inalcançável a elaborar-se.

A respeito do futuro, tomo como uma das maiores obras primas do século XX "2001: Uma Odisseia no Espaço (1968)" de Stanley Kubrick. A figura enigmática do monólito – o qual se distingue da natureza de todas as coisas ao redor, completamente negro, perfeitamente simétrico e de origem desconhecida – surge no filme em diferentes momentos, com grandes saltos na passagem do tempo, distinguidos pela mudança das coisas ao redor, de seus contextos e natureza. Retomando a ideia de lembrança, retorno ao início do filme, onde uma cena de aproximadamente dois minutos se apresenta como uma tela negra. O único dado de que o filme se inicia é a música que acompanha a cena. Kubrick produz a ideia de lembrança no espectador, imergindo-o ao monólito metaforizado pela tela de cinema; o fato de que as personagens no decorrer do filme evoluam quando entram em contato com o objeto nos faz observar que havia em Kubrick um desejo de que o espectador também evoluísse diante de uma tela de cinema.

Esta lembrança que se constrói em seu perpétuo ato de acontecimento, remete a atual produção de Evandro Machado, na qual a obra se edifica diante do que já suspendeu a lembrança de sua feitura própria. A série de pinturas e desenhos de Evandro são desdobramentos que continuam a se desdobrar na construção de um vídeo que retroalimenta o processo. Poderia tratar-se de 24 imagens em um segundo ou uma única imagem vista em 1/24 de segundo: a distinção está sob a ordem do olhar, do que conduz a imagem ao seu significante e, sendo assim, a obra de Evandro está a transformar-se em um processo autofágico. As imagens dos monólitos na atual produção de Evandro personificam a construção de lugares incertos que, embora pareçam sólidos, apresentam sua perenidade enquanto imagem a desfazer-se em uma nova, em uma outra, sucedendo o enigma de continuidade da imagem no cinema.

A característica noir na produção do artista é contraposta pela explosão de cores e formas que se destacam diante da pluralidade das questões ideológicas, de gênero e políticas que, assim como nas imagens que se desfazem em outras novas, buscam desemparelhar o referencial cultural hegemônico que idealiza um possível Brasil. A incidência das sombras nos desenhos do artista, que muito se assemelham aos filmes noir dos anos 50, se mostram a frente do seu tempo como na obra de Jean-Luc Godard, "Alphaville" (1965), ao retratar uma cidade estéril e opressora do futuro. O computador Alpha 60 dita como os indivíduos de sua sociedade devem viver, abolindo emoções e a capacidade de amar. Trata-se de um território distópico, onde os sentimentos são banidos, o livre pensamento é proibido e os que forem contra as regras devem ser punidos com a morte.

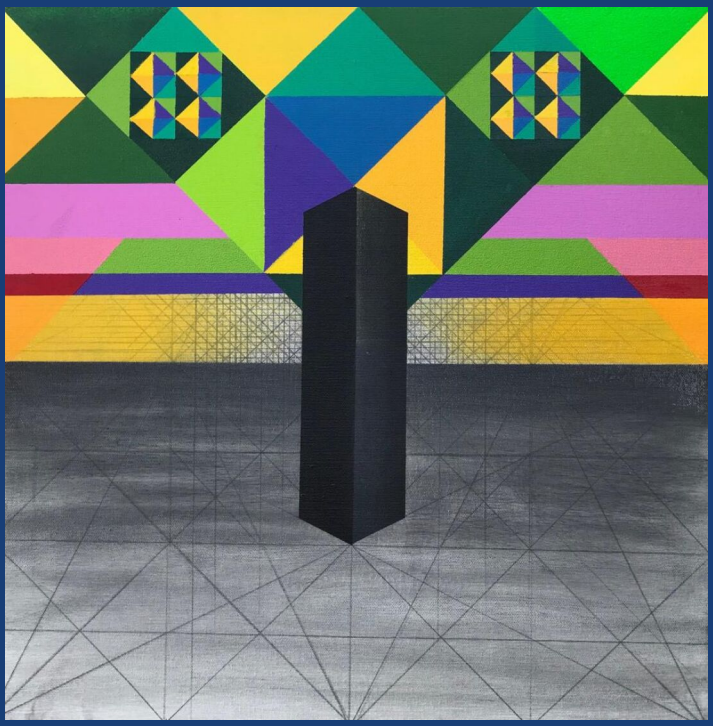
O então investigador Lemmy Caution, é incumbido de procurar o criador do computador e convencê-lo de destruir a máquina. Na aventura que sucede a narrativa, descobre que há uma arma imbatível para combater a máquina: um livro de poemas. Por ser racional, a máquina é incapaz de decifrar o que os poemas podem conter em seus meandros, e neste ponto do filme constrói-se o diálogo mais antológico de toda a obra do cineasta. Assim como Caution (que curiosamente, em tradução livre, alerta por "cuidado"), Evandro compreende que, para lidar com a imagem enigmática do monólito e suas nuances poéticas, há a necessidade de produzir uma certa perenidade discursiva diante da contenção formal do objeto. No vídeo que acompanha a obra, os objetos que transitam em sua perfeição parecem afeiçoar-se na construção do que aparentemente nos lembra uma torre de comando mas, frame a frame, a torre parece ruir diante do abandono de seus pequenos fragmentos que, sob rodas ou sob vestígios de sua presença, abandonam o primeiro plano para construírem uma nova imagem no campo cego.

Nesta solidão da imagem, onde nenhuma figura humana surge, parece haver uma espécie de enucleação, de recorte: seria possível recortar um fragmento do futuro através de um olhar presente? Esta capacidade de lidar com o desenho no campo ampliado, voltando as questões da continuidade do traço para a perspectiva do cinema, produz na obra de Evandro Machado um ato permanente de enuclear, através do olhar, as possibilidades para um futuro distópico no Brasil. Produz um recorte, nesta tentativa de construir estratégias de transgressão à imposição de ordem, se utilizando não apenas da representação de um mundo cinza que, como Alphaville, tenta enquadrar seus sujeitos, mas também trabalha a possibilidade dos arranjos cromáticos como forma de identificar pluralidades e individualidades dentro deste mundo mensurável.

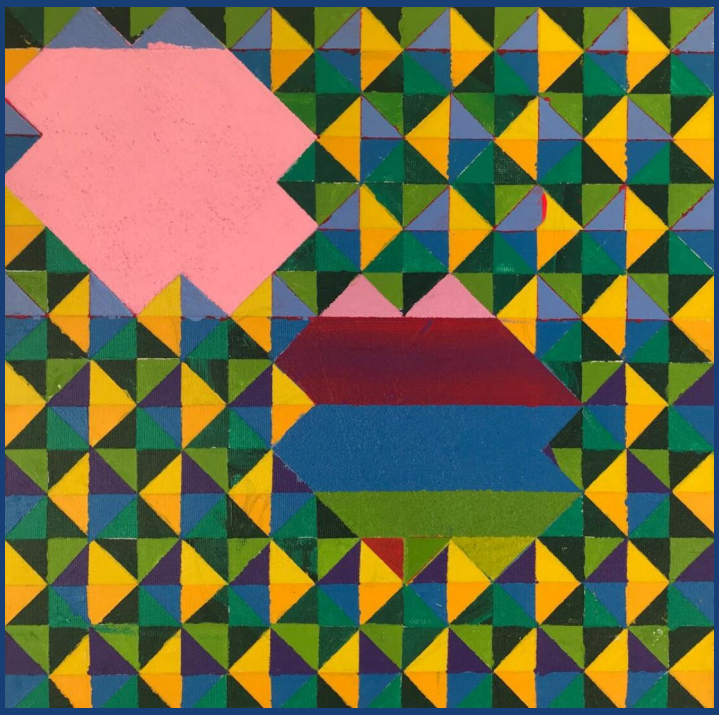
Como o verde e o amarelo podem representar, na atualidade, os indivíduos de um país como o Brasil? Como o vermelho pode ser considerado a tradução de forças ideológicas inimigas? Como é possível desobedecer a dicotomia ditatorial convencionada pelas cores? É diante dessas indagações em que o artista, embora lidando com questões formais muito caras à arte contemporânea, busca romper de maneira poética a solidez da grande razão em tempos de Fake News, transformando os campos cromáticos em discursos sociopolíticos, que pretendem contemplar as diferentes identidades e movimentos coletivos multiplamente diversos em nosso país. Evandro Machado produz uma enucleação do futuro no presente, através dos gestos que fazem parte de seu vocábulo laboral – colar, pintar, desenhar e animar –, para erguer uma bandeira que está a construir-se em seu arruinamento. Evandro compreende que o vislumbre de um futuro trata-se de muito mais que um ato premonitório, mais que tudo, um ato de invenção de um país possível.

Evandro Machado
Yago Toscano

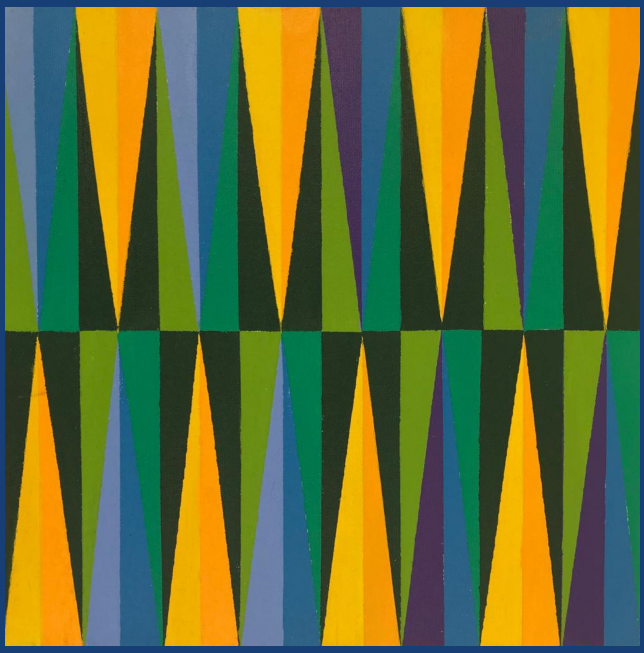
Título: Bandeira positiva
Ano: 2019
Técnica: Acrílica s/ tela
Dimensão: 50 x 50 cm



Título: Papagaio do futuro
Ano: 2019
Técnica: Acrílica s/ tela
Dimensão: 75 x 75 cm

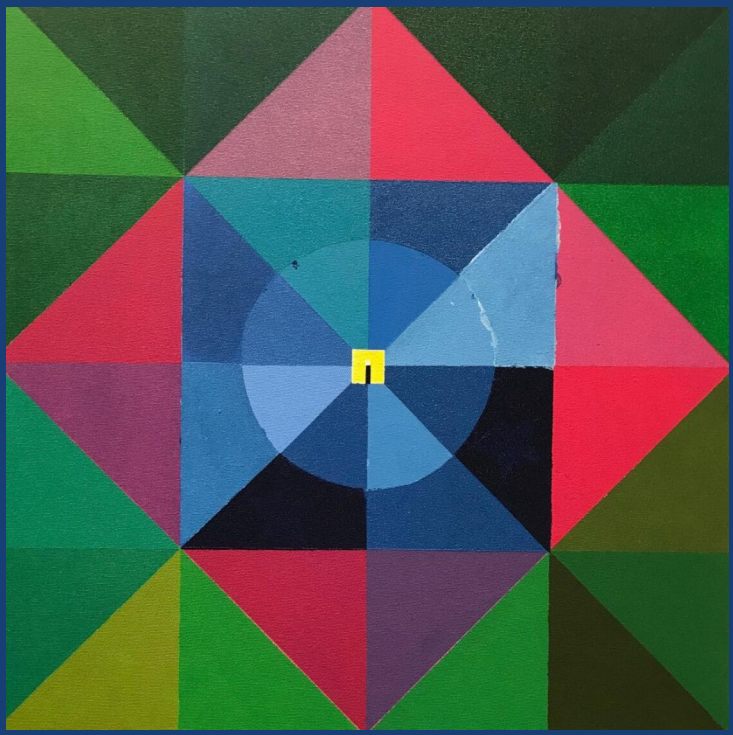


Título: Algo me falta, algo me sobra
Ano: 2019
Técnica: Acrílica s/ tela
Dimensão: 40 x 40 cm

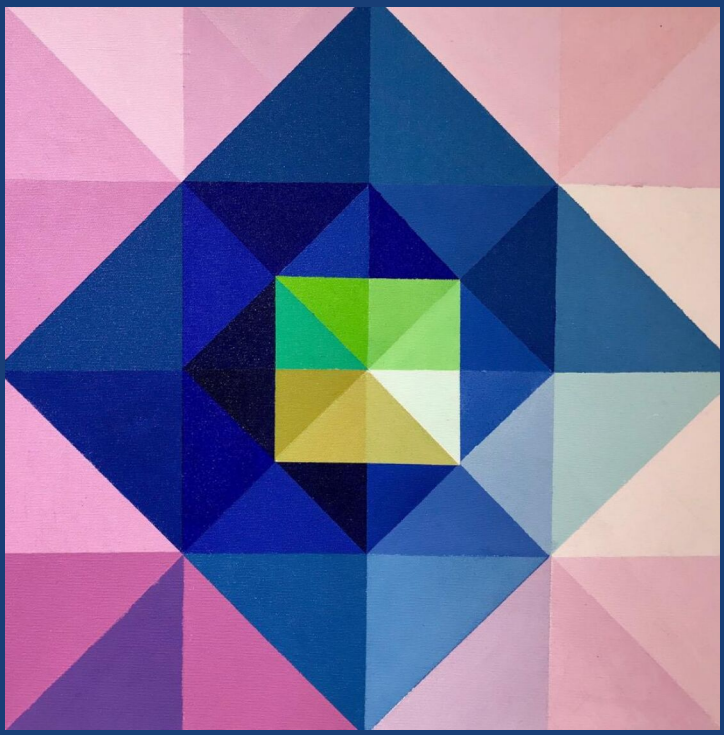


Título: Dentes nacionalistas
Ano: 2019
Técnica: Acrílica s/ tela
Dimensão: 40 x 40 cm

Título: Projeto para bandeira I
Ano: 2019
Técnica: Acrílica s/ tela
Dimensão: 40 x 40 cm



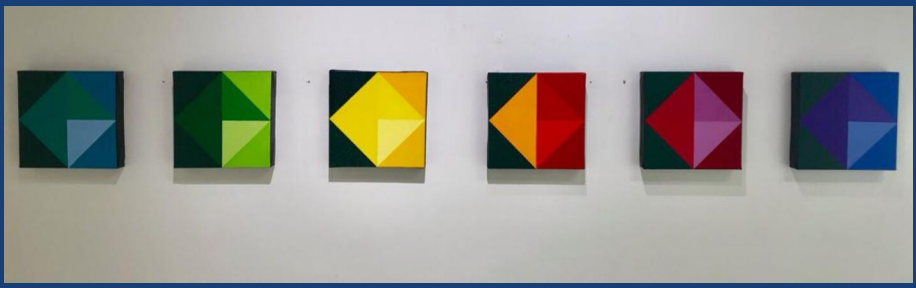
Título: Projeto para bandeira II
Ano: 2019
Técnica: Acrílica s/ tela
Dimensão: 50 x 50 cm



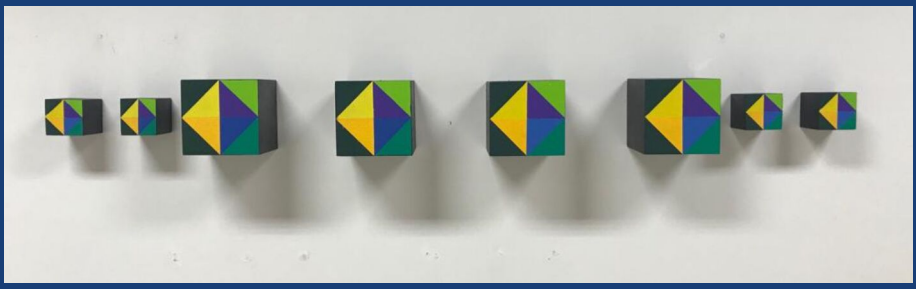
Título: Bandeira negativa
Ano: 2019
Técnica: Acrílica s/ tela
Dimensão: 50 x 50 cm

Título: Paisagem cúbica I
Ano: 2019
Técnica: Acrílica s/ tela
Dimensão: 75 x 75 cm

Título: Paisagem cúbica II
Ano: 2019
Técnica: Acrílica s/ tela
Dimensão: 75 x 75 cm

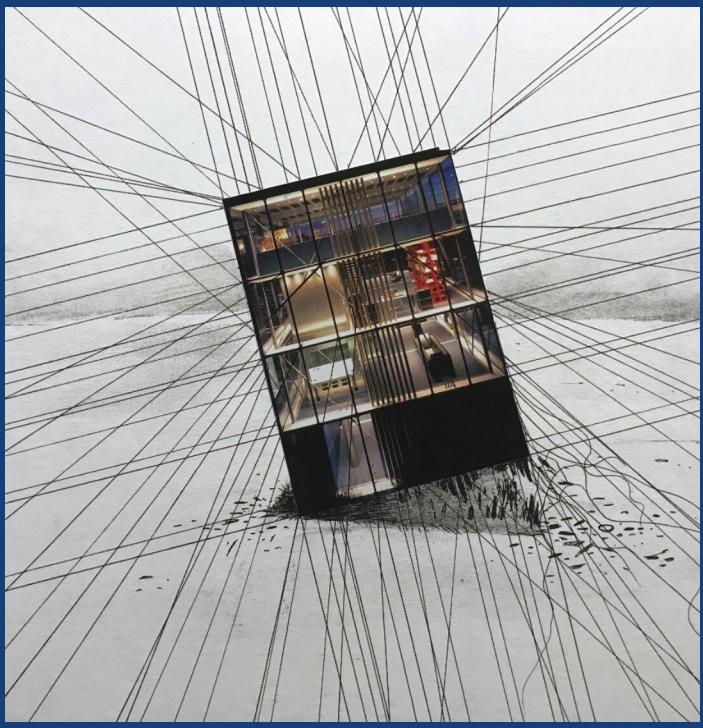


Título: Periquito pixels
Ano: 2019
Técnica: Acrílica s/ tela
Dimensão: 10 x 180 cm

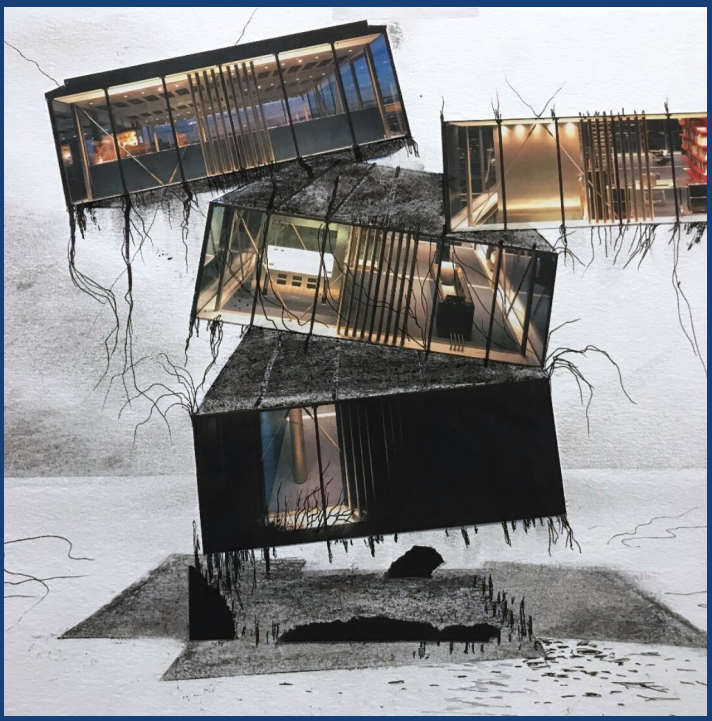


Sem título
Ano: 2019
Técnica: Acrílica sobre MDF
Dimensão: 115 x 10 x 10 cm

Título: Monólito novo
Ano: 2019
Técnica: Acrílica, MDF, grafite, rocha e colagem
Dimensão: 25 x 25 x 25 cm

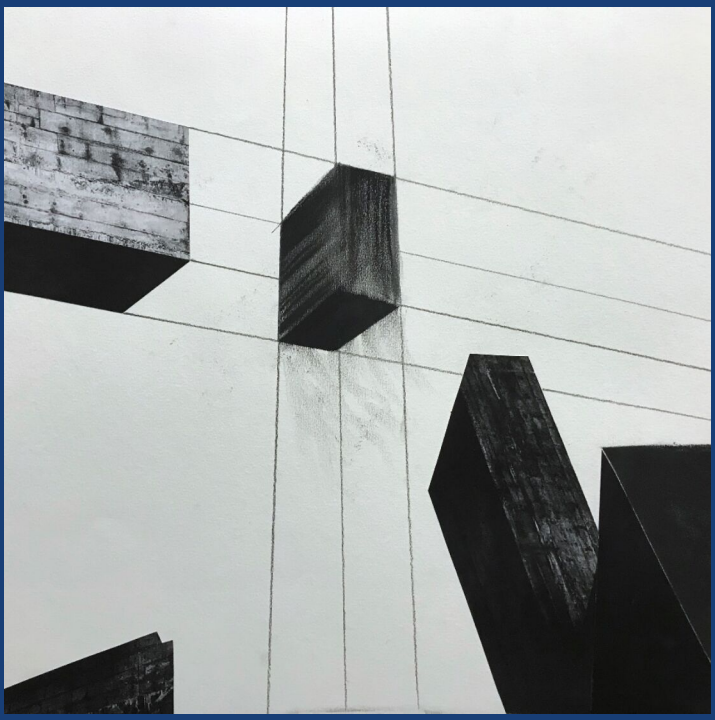


Título: Desmonte I
Ano: 2018
Técnica: Grafite, carvão, colagem s/ papel díptico
Dimensão: 42 x 29,7 cm

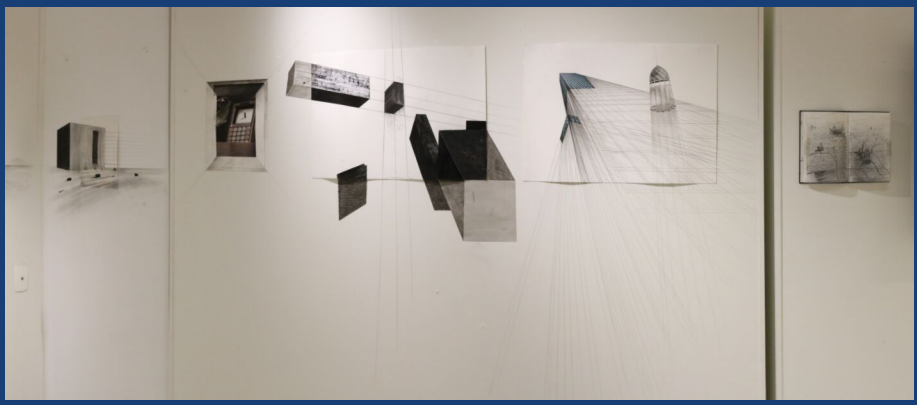


Título: Desmonte II
Ano: 2018
Técnica: Grafite, carvão, colagem s/ papel díptico
Dimensão: 42 x 29,7 cm

Título: Reformatório
Ano: 2018
Técnica: Grafite, carvão, colagem s/ papel díptico
Dimensão: 60 x 42 cm



Título: Anti-gravidade
Ano: 2018
Técnica: Grafite, carvão, colagem s/ papel díptico
Dimensão: 60 x 42 cm



Título: Lembrar-se do futuro
Ano: 2019
Técnica: Grafite e colagem s/ papel

Realização
Universidade do Vale do Itajaí
Vice-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários

Curadora Espaço Multiuso
Ane Fernandes

Textos
Evandro Machado
Yago Toscano

Apoio
Núcleo de Pesquisa e Extensão -NUPEX
Associação dos Funcionários da Univali - AFUVI

Produção Gráfica
Pedro Henrique Tomm

Informações e Agendamentos:
galeriadearte@univali.br

Instagram:
@galeriadearteunivali

UNIVALI

Vice-Reitoria de Extensão
e Assuntos Comunitários

AFUVI

ASSOCIAÇÃO
DOS
FUNCIONÁRIOS
DA UNIVALI